

Stieg por Eva

A companheira do escritor Stieg Larsson, Eva Gabriellsson, publicou as suas memórias. Um desejo de vingança mais do que grandes revelações *Isabel Coutinho*

Tudo teria sido diferente se, naquele Outono, Stieg e Eva se tivessem casado



O último Verão que Eva Gabriellsson passou com o seu companheiro, o escritor sueco Stieg Larsson, foi diferente dos outros. Finalmente, o casal tinha tempo um para o outro. Stieg assinara o contrato para a publicação de três livros da série "Millennium" e estava feliz. Nessas férias os dois visitaram amigos e alugaram uma cabana no arquipélago de Estocolmo. No final do mês de Agosto, em que Stieg fez 50 anos, o escritor disse timidamente à arquitecta com quem vivia há 32 anos: "E se nos casássemos agora?".

Combinaram então que, no Outono, fariam uma festa para comemorarem os 50 anos. Chamariam os amigos e, no final, revelariam que se tratava da festa de casamento. "Desde uma viagem que fizemos a Lisboa, em 2001, guardávamos para a festa dos nossos 50 anos uma garrafa de vinho do Porto 'Quinta Noval 1976'. Contudo não tivemos tempo, nem para o casamento, nem para a festa. Esta garrafa aparece no segundo volume de 'Millennium', no apartamento novo de Lisbeth Salander. A garrafa está agora na minha cozinha. Nunca a irei abrir", escreve Eva Gabriellsson em "Millennium - Stieg et moi", livro de memórias publicado a semana passada, em França, pela editora Actes Sud. Escrito pela viúva de Stieg, com a ajuda da jornalista francesa Marie-Françoise Colombani, a obra conta a sua versão dos acontecimentos que viveu depois da morte do escritor, em 2004, e fala da sua indignação quando se viu confrontada com a lei da sucessão sueca. Quando não há testamento, os herdeiros são os familiares mais próximos, neste caso o irmão e o pai de Stieg.

Tudo teria sido diferente se, naquele Outono, Stieg e Eva se tivessem casado. O escritor morreu a 9 de Novembro, num hospital de Estocolmo, na sequência de uma crise cardíaca: sentiu-se mal ao subir as escadas do edifício onde trabalhava, a redacção

Ao ritmo a que vão as coisas, escreve Eva, não ficará admirada se um dia deparar com o nome do companheiro numa garrafa de cerveja, num pacote de café ou a dar nome a um carro

da revista "Expo". Eva estava noutra cidade. Quando chegou o companheiro estava morto. Nas memórias conta com pormenor o que se passou nesses dias, nos meses e nos anos seguintes. Os direitos já foram vendidos para dezanove países mas ainda não foram adquiridos para Portugal.

Vingança

"Millennium - Stieg et moi" tem cerca de 200 páginas e não nos revela nada de muito surpreendente. Embora Eva conte de forma estruturada e, por vezes, detalhada, o que se passou na sua vida antes e depois da morte de Stieg Larsson, já contou grande parte do que ali é descrito em entrevistas, nomeadamente naquela que deu ao *ip-silon*, em Estocolmo, o ano passado (edição de 30 de Abril 2010). A novidade é a publicação de uma carta que Stieg escreveu antes de partir para África, em 1977, e que ela só encontrou depois da sua morte; a transcrição dos diários de Eva dos últimos anos onde assistimos, passo a passo, ao processo

de ruptura entre ela e a família de Stieg. Perpassa no livro um desejo de vingança e o relato de uma cerimónia com textos da mitologia escandinava, que lhe serviu de terapia, é revelador da perturbação de Eva depois da morte de Stieg e depois de ter perdido tudo: até a esperança.

No último capítulo Eva fala do quarto volume da série - o manuscrito que Larsson deixou inacabado e que teria como título provisório "A Vingança de Deus" - mas não dá pormenores. Conta que no dia seguinte à morte de Stieg, a irmã de Eva foi entregar a mochila do escritor na redacção da "Expo". Esse saco continha a sua agenda, com o sumário e detalhes da edição da revista que preparavam, e o computador portátil que pertencia à revista. Ali estavam os seus artigos, a correspondência, as suas investigações, os contactos das fontes, etc. "O quarto volume de Millennium encontra-se aqui...talvez.", escreve Eva. "Tem mais de duas centenas de páginas pois quando fomos para férias, no último Verão que passámos juntos, Stieg já tinha escrito mais de 160", diz Eva, que arrisca afirmar que o seu companheiro talvez tenha conseguido escrever mais 50 páginas até ao dia em que morreu. "Não pretendo contar aqui a trama do quarto volume. Mas tenho vontade de dizer que, neste livro, Lisbeth liberta-se pouco a pouco dos seus fantasmas e dos seus inimigos. Cada vez que ela se consegue vingar de uma pessoa que lhe fez mal, fisicamente ou psicologicamente, apaga a tatuagem que para ela representa essa pessoa. Enquanto os piercings correspondem a um fenómeno de moda entre as pessoas da sua idade, para Lisbeth as tatuagens são uma pintura de guerra", lê-se na página 184.

Eva conta que Stieg escreveu duas mil páginas em dois anos, "quase sem notas, sem pesquisa, a não ser em relação a pequenos detalhes, sem in-

vestigação". Como é que isto foi possível?, pergunta. A explicação que dá é simples: "São as nossas vidas e os nossos 32 anos de vida em comum que formam a base de dados destes livros. São fruto da experiência de Stieg, mas também da minha. Dos nossos combates, das nossas lutas, das nossas viagens, das nossas paixões, dos nossos medos... Estes livros são o puzzle das nossas vidas."

É por isso que Eva não consegue dizer o que é que nos livros vem dela ou do companheiro. Coloca-se sempre numa posição ambígua. Tanto diz que Stieg gastou anos de trabalho em cada livro, como diz que tinham uma linguagem comum, escreveram várias

vezes juntos. Conta também que em 2005, o seu representante fez uma proposta ao pai e irmão de Stieg, os herdeiros segundo a lei sueca, e à editora Norstedts, para que ela ficasse com a gestão dos direitos morais da obra de Stieg, de maneira a poder trabalhar nos textos do companheiro e terminar o quarto volume. Os Larsson recusaram. Eva continua a lutar por ter esse direito. Não quer que o nome de Stieg Larsson continue a ser "uma indústria e uma marca". Ao ritmo a que vão as coisas, escreve, não ficará admirada se um dia deparar com o nome do companheiro numa garrafa de cerveja, num pacote de café ou a dar nome a um carro.

ENCENAÇÃO e REALIZAÇÃO VIDEO
JOÃO LOURENÇO

MUSICA
MAZCANI

CENARIO
ANTÓNIO CASIMIRO
JOÃO LOURENÇO

FIGURINOS
BERNARDO MONTEIRO

COREOGRAFIA
CLAUDIA NÓVOA

SUPERVISÃO AUDIOVISUAL
AURÉLIO VASQUES

LUZ
MELIM TEIXEIRA
(m/12)

QUARTA A SÁBADO 21H30

TEATRO ABERTO

DOMINGO-MATINÉE 16H00

O SENHOR PUNTILA E O SEU CRIADO MATTI

BERTOLT BRECHT

VERSÃO JOÃO LOURENÇO | VERA SAN PAVO DE LEMOS
DRAMATURGIA VERA SAN PAVO DE LEMOS

COM
ANTÓNIO PEDRO LIMA | CATIA RIBEIRO
CARLOS MALVAREZ | CRISTÓVÃO CAMPUS
FRANCISCO PESTANA | JOÃO FERNANDES
LUS BARRIOS | MAFALDA LENCASTRE
MAFALDA LUIS DE CASTRO | MARTA DIAS
MIGUEL GUILHERME | MIGUEL TAPADAS
PATRICIA ANDRÉ | RUI MOURISSEN
SARA CIPRIANO | SÉRGIO PRAIA
SÓFIA DE PORTUGAL
VÁSIO SOUSA

INSTITUTO PATROCÍNIO DE LEMOS

MIC e PARTES

Câmara Municipal
Lisboa

antena 3

europac